

ÓCULOS, APARELHO e **ROCK'N'ROLL**



MEG HASTON

ÓCULOS, APARELHO e

ROCK 'N' ROLL

TRADUÇÃO DE JULIANA ROMEIRO

inrínseca

Copyright © 2011 by Alloy Entertainment
Todos os direitos reservados

TÍTULO ORIGINAL
How to Rock Braces and Glasses

PREPARAÇÃO
Carolina Rodrigues

REVISÃO
Guilherme Vieira
Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO DE MIOLO, ADAPTAÇÃO DE CAPA E
TRATAMENTO DE IMAGEM
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H285o

Haston, Meg
Óculos, aparelho e rock'n'roll / Meg Haston ; tradução de
Juliana Romeiro. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

304p. : 21 cm
ISBN 978-85-8057-224-7

1. Ficção americana. I. Romeiro, Juliana. II. Título.

12-3724.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para minha família, que sempre me amou apesar de tudo
(até mesmo dos óculos e do aparelho)*



LUZ, CÂMERA... CONSELHOS!

Quinta-feira, 7h42 da manhã

Jornalistas de verdade nascem com um sexto sentido. É nossa fonte mais confiável, uma voz interior que nos alerta quando há algo mais por trás de uma história. Meu sexto sentido nunca falhou, e é provavelmente por isso que sou a primeira jornalista na história da Escola de Ensino Fundamental Marquette a ter o próprio programa de tevê semanal. A maioria das pessoas pensa que meu sucesso se deve a meu estilo contundente de conduzir entrevistas, um método que já fez um vice-presidente corrupto do conselho estudantil se debulhar em lágrimas durante a transmissão. Ao vivo.

Mas tenho quase certeza de que é meu sexto sentido.

É só ver o que aconteceu hoje de manhã, antes da chamada, quando minha melhor amiga, Molly Knight, entrou tranquilamente no estúdio do jornal do Canal M no meio dos meus exercícios vocais e da checagem de figurino. Ela havia agasalhado seu corpo miúdo com uma parca marfim de mate-lassê, com um cachecol angorá branco e protetores de orelha

como acessórios. Parecia que estava sendo estrangulada por um gato com pedigree de um comercial de ração chique.

Imediatamente, um arrepio familiar sacudiu meu corpo desde o dedo mindinho do pé direito até o lóbulo da minha orelha esquerda. *Sexto sentido em ação*. Os olhos azul-claros de Molly brilhavam com novidades.

— Eu sou Kacey Simon, e você está assistindo a *Simon Falando*. — Limpei a garganta e dirigi o olhar a uma das quatro câmeras apontadas para minha bancada de mogno. Nem melhores amigas com fofocas para contar interrompem meu momento de preparação antes da transmissão. — Eu sou Kacey Simon. *Eu...*

— Ah, fala sério. Como se alguém na Marquette não conhecesse você.

As portas duplas nos fundos do estúdio se fecharam sem ruído. Molly se apoiou teatralmente na parede prateada do cenário ao meu lado e soprou uns fios dourados que caíam por cima dos seus olhos. O aluno do sexto ano que segurava o *boom* sobre minha cabeça se virou para dar uma conferida. Típico.

— Noventa segundos para entrar no ar! — gritou Carlos, meu produtor baixinho e atrevido, o único cara do estúdio que não estava babando pela minha melhor amiga. Ele passou apressado pela confusão do set, carregando sua prancheta velha como se ela fosse a tocha olímpica e estivesse prestes a ganhar o ouro na final de pavoneamento rápido. — Alguém do figurino pode vir aqui, por favor?

— E aí, o que houve? — Girei algumas vezes na minha cadeira com rodinhas, e o cenário com a silhueta urbana de Chicago dissolveu-se em uma mancha brilhante de prata e cinza.

Três giros e minhas longas mechas castanho-avermelhadas sussurravam *espontaneamente despenteadas*. Mais de seis voltas, no entanto, e elas estariam gritando *SENSUALIDADE NA MONTANHA-RUSSA! MEIO ANTIPROFISSIONAL!* — Por que você não está na sala para a chamada? — Parei de girar e olhei o relógio que fazia a contagem regressiva na parede dos fundos. Quase na hora do show.

— Nada de mais.

Com um sorriso falsamente tímido, ela passou pelos quatro câmeras e caminhou até meu foco de luz, quase me cegando com aqueles flocos de neve de diamante falso pendurados nas orelhas. Esfreguei os olhos para recolocar minhas lentes novas, cor de violeta, no lugar. Molly tinha até o fim do programa para notá-las. E para soltar o segredinho que estava escondendo.

— Oitenta segundos!

Carlos pulou na sua cadeira de diretor e ajustou o headset sem fio.

— E eu ainda preciso de figurino! — gritei.

Por baixo da minissaia lilás de lã, minha meia-calça preta estampada estava começando a pinicar, mas não me importei. É como diz o provérbio: sem dor, sem programa de tevê.

— Estou chegando, Kacey! — gritou dos bastidores Liv Parrillo, a terceira integrante do nosso quarteto, que fazia um bico de estilista no meu programa.

— Entããã... — falou Molly com sua voz rouca, se debruçando na mesa.

Sua voz sempre soou como se ela tivesse acabado de sair da cama com uma leve crise de laringite. Os garotos do colégio achavam isso ainda mais sensual do que sua juba loura. Só eu

sabia que o cabelo não contava, já que era falso. Ela havia gastado seis meses de mesada em apliques depois de destruir o cabelo em um alisamento japonês que descobrira na internet.

— Entããã... — Arregalei os olhos e pisquei três vezes. Nada ainda. — O que houve?

— Só resolvi dar uma passadinha para assistir à gravação.

As maçãs do rosto salientes de Molly e a pontinha do nariz estavam coradas, o que significava que ou ela estava mentindo ou estava envergonhada.

O sexto sentido falou... *mentindo*.

— Tudo bem, então. — Ajeitei o roteiro no tampo da mesa e o coloquei de lado. Roteiros são como atores substitutos. Embora eu nunca tenha realmente planejado usar o meu, é sempre bom saber que ele está ali. — Agora, *saia fora*. — Dei um puxão de brincadeira no cachecol dela. — Você e seu gato morto estão atrapalhando minha luz.

Ela se afastou da bancada e fez beicinho, fingindo estar magoada.

— Tatyana acha que pareço uma profissional.

Tatyana era sua professora russa de patinação no gelo. Todo ano Molly começava uma nova atividade física extracurricular, ficava toda animada com as roupas e então a abandonava quando descobria que não chegaria às olimpíadas. No semestre passado foi ginástica olímpica; ela andava com rabos de cavalo superapertados e gel de cabelo com purpurina. No sexto ano foi equitação, o que significou múltiplos pares de botas de montaria.

— Eu falaria a mesma coisa se você me pagasse cinquenta dólares por hora.

— Ah, por favor. — Ela se ajeitou e passou pelos câmeras boquiabertos para se sentar perto de Carlos. Quando cruzou as pernas, as botas de amarrar cor de creme fizeram sua entrada triunfal. — Você não faria isso.

— Não, não faria. Porque amigos de verdade não mentem.

Fiz uma nota mental para não me esquecer de surrupiar as botas para o programa da próxima quinta-feira. Diga o que quiser sobre as roupas das atividades extracurriculares de Molly, mas pelo menos ela tem coragem de se arriscar. Foi o que fez eu me aproximar dela ano passado, no início do sexto ano. O colégio forçou todos os alunos a irem a um acampamento/orientação em um fim de semana antes do início do semestre, o que pode parecer a coisa mais tediosa do mundo, mas acabou se tornando o lugar ideal para recrutar algumas melhores amigas naquela fase de transição para o segundo ciclo do ensino fundamental. E não dá para não amar uma menina que aparece em uma caminhada/dinâmica de grupo com um tubinho camuflado, delineador verde-oliva combinando e botas com um saltinho anabela. Eu falei que ela parecia a Barbie Apalaches. E ela não saiu de perto de mim desde então.

As portas duplas abriram-se novamente, trazendo-me de volta à agitação do estúdio.

— OOOOI, GENTE!

Abra Laing, uma aluna do sexto ano que mascava chiclete sonoramente, falava super-rápido e apresentava o *Minuto Marquette*, programa que entrava no ar depois do meu, traçou uma linha direta em direção à tela verde à minha esquerda. Abra conseguiu a vaga porque gritava TODAS AS PALAVRAS PARA A CÂMERA COMO SE AQUELA FOSSE A NOTÍCIA

MAIS IMPORTANTE DE TODOS OS TEMPOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE. Ela também era a única pessoa capaz de falar rápido o suficiente para conseguir encaixar as manchetes matinais em um intervalo de sessenta segundos.

— Trinta segundos para entrar no ar! — anunciou Carlos enquanto Abra arrancava o casaco e o jogava atrás das câmeras. — FIGURINO?

— Calma, cara. Estou bem aqui.

Liv entrou correndo pelo cenário, enrolando os cachos escuros na altura dos ombros em um nó bagunçado na altura da nuca. Estava com uma camiseta branca justa e um casaco largo cor de carvão do avô italiano, acinturado por uma faixa de smoking vintage. Só Liv poderia pensar em acentuar suas curvas com roupas antigas de um velhinho. E só Liv poderia fazer uma coisa assim funcionar.

— Menina, você vai amar isso. — Liv ergueu o estojo de flauta coberto de adesivos que usava para guardar as primeiras peças da linha de acessórios dela, LiVlinhas, e colocou-o na bancada. — Fiz usando uma camisa velha do meu pai e um *tutu*. — Ela destravou as fechaduras prateadas do estojo e vasculhou por entre uma pilha cheirando a mofo de bijuterias brilhantes, amostras de tecido e tiaras com penas. Segundos depois, ergueu um broche de flor feito com uma flanela xadrez e um tule roxo púido que combinava certinho com a cor da minha saia.

— Liv! É lindo. — Examinei as bordas delicadamente recortadas das pétalas. — Vai esgotar antes do almoço.

Eu nunca ia ao ar sem um dos acessórios de Liv. Eles eram meu talismã da sorte. E, a julgar pelas vendas da LiVlinhas este ano, *Simon Falando* era o talismã dela.

— Espero que sim.

Os grandes olhos cor de jade de Liv brilharam de gratidão enquanto ela se inclinava para prender a flor na minha blusa de seda preta. Ela cheirava a óleo de rosas e ao cachimbo do avô.

Meu olho direito tremeu sem querer.

— Lentes de contato! — Liv pulou para a frente. — Violeta? — Ela segurou meu rosto entre suas mãos quentes. — Essa cor vai *saltar* na câmera. — Sua pele morena brilhou sob as luzes do estúdio. No fundo, sempre invejei o bronzeado italiano de 365 dias de Liv. Minha pele tem dois tons: transparente e, quando não tomo cuidado no verão, camarão. — E combina com o broche! *E realça suas mechas ruivas!*

— EU SEI! — gritei.

Virei para o lado e revirei os olhos para Molly. Pelo menos *alguém* reparava nos detalhes importantes da vida.

Mols fingiu estar ocupada demais tirando a neve das botas para reparar em mim.

— Dez segundos! — Carlos remexeu o bumbum minúsculo dentro da calça jeans de marca na cadeira. — Manda ver, srta. Simon.

Liv fez um sinal da paz, saiu do cenário e se sentou ao lado de Molly.

— Oi, boneco da Michelin. Amei seus pneus.

— Aposto que está morrendo de inveja. — O nariz de Molly ficou vermelho de novo. *Envergonhada.*

As luzes do estúdio se acenderam acima de mim, e minha pulsação diminuiu imediatamente. Você poderia pensar que apresentar um programa ao vivo na frente da escola inteira

toda quinta-feira de manhã me deixaria nervosa. Engano seu. Nunca me sinto mais tranquila do que durante as gravações.

O estúdio ficou quieto e silencioso, exceto pelo zumbido baixo das luzes e pela minha voz, cantarolando baixinho o novo tema de abertura que eu tinha composto para o programa. Em questão de segundos eu iria inspirar uma escola inteira e ajudar alguém desesperado por conselhos. Ajudar as pessoas era a minha vocação. Será que Madre Teresa descobriu a sua antes do oitavo ano?

— Em três, dois...

Carlos ajustou o colarinho e então fez um sinal com o indicador levantado.

Ergui os olhos para a câmera dois, ignorando a repentina sensação de queimação sob minhas lentes violeta.

— Bom dia, Marquette. E bem-vindos a mais uma edição de *Simon Falando*. Eu sou Kacey Simon.

Olhei para o relógio para conferir a hora. Os números vermelhos ficaram borrados e pisquei até que as linhas entrassem em foco novamente. *Três segundos. Preste atenção.*

— A carta de hoje vem da Perseguida na Aula de Estudos Sociais. — Fiz uma pausa e abri meu Sorriso Simon de marca registrada que herdei da minha mãe jornalista: amplo, confiante e apenas ligeiramente misterioso. — Perseguida diz: “Querida Kacey, adoro seu programa. Você é a melhor.” — Verdade. Tenho três prêmios M Marquette para provar isso. — “Espero que você possa me ajudar. Então, tem um cara que senta do meu lado na aula de estudos sociais desde o sexto ano, e estamos no oitavo agora. Ele é muito nerd e não para de me perguntar se preciso de ajuda para estudar. Já tentei de tudo: olhar

feito, não ser mais amiga dele no Facebook, até mesmo ir à casa dele para estudar história dos Estados Unidos e falar que preferia ter um encontro com um dos patriarcas da independência a sair com ele. Mas ele não está entendendo. O que eu faço?”

Lancei um olhar direto para a câmera.

— Querida Perseguida. Vou contar um segredinho para você. Acabei de colocar lentes novas, o que significa que minha visão está mais aguçada do que nunca. O que, por sua vez, *significa* que vejo exatamente o que está acontecendo.

Molly se esticou para a frente, com a boca entreaberta. Liv inclinou a cabeça, e suas covinhas ficaram um pouco mais marcadas pela expectativa.

— Deixar de ser amiga do seu perseguidor no Facebook significa que você era amiga dele, para começo de conversa. Contraditório. Ir à casa dele para estudar e então partir o coração do rapaz? Contraditório. E se os seus, abre aspas, olhares feios, fecha aspas, se parecem com isso aqui... — Lancei para a câmera meu melhor sorrisinho sedutor, que Molly me ensinou na última vez em que dormiu lá em casa. — Con-tra-di-tó-rio. — Entrelacei os dedos na bancada, encarando Perseguida com firmeza. — Odeio ter que dizer isso a você, mas você adora ter um maluco perseguindo você. Aqui é a Simon falando: aceite a oferta antes que ele encontre outra amiga de estudos.

Um dos câmeras (acho que o Número Três) soltou uma gargalhada. Mols e Liv fingiram trocar um *high five*.

Na mosca. Apertei os lábios em um sorriso sagaz.

— Esta foi Kacey Simon, lembrando a vocês que é melhor ouvir quando a Simon está falando. AcessóriosdeLivParrillo, encomendasemwwwpontofacebookpontocombarraLiVlinhas.

Liv fez um sinal da paz com a mão direita.

— Fiquem agora com Abra Laing e o *Minuto Marquette*. Abra? — Enquanto falava, girei um quarto de volta para a esquerda, evitando olhar os elásticos cor-de-rosa bufantes que algemavam as marias-chiquinhas dela.

— OB-OBRIGADA, KACEY! — gaguejou Abra. Ela vinha agindo de forma muito estranha perto de mim desde que falei que com aquela voz ela teria um belo futuro em comerciais de carros usados. Ela nem ao menos me agradeceu por indicar um caminho para sua carreira. — EU SOU ABRA LAING, E VOCÊ ESTÁ ASSISTINDO AO MINUTO! MARQUETTE!

Cheguei minha cadeira de rodinhas para trás e me inclinei até minha bolsa-carteiro do Canal 5 embaixo da mesa. Assim que me ergui novamente, Mols e Liv já estavam sentadas de pernas cruzadas em cima dela.

— Ótimo programa — sussurrou Molly, apressada, fazendo e desfazendo a trança em “seus” cabelos. — Hum... tenho novidades.

— Sabia.

Coloquei a bolsa casualmente no ombro e fiquei de pé. Se as novidades de Molly fossem um furo de reportagem, eu já teria falado sobre elas no programa. Não é?

— Meus pais acabaram cedendo ontem à noite. — Que fique registrado: ela ainda não tinha notado minhas lentes novas. — Minha festa de aniversário vai ser com meninos e meninas!

— O quê? — Quase engasguei. — Mas a festa é daqui a dois dias!

Liv fez cara feia.

— Mas e o Drake? — A mãe de Molly era relações-públicas do Hotel Drake, no centro da cidade, e tinha descolado um sábado no spa do hotel seguido por uma noite na suíte presidencial. Estávamos planejando os tratamentos de beleza e os ataques ao frigobar havia meses. — E a minha máscara orgânica de algas?

— Meninos não curtem máscara de algas — sibilou Molly, me lançando um olhar de relance. — Não é?

Fingi que não ouvi.

— Por que você não me mandou uma mensagem ontem à noite? — perguntei.

Molly mordeu o lábio inferior, tentando disfarçar um sorriso. Será que ela achava que eu não era capaz de perceber a ansiedade dela em ganhar de mim com uma festa de meninos e meninas? Ah, por favor. Eu sou uma *jornalista*.

— UM LEMBRETE: O MUSICAL DE PRIMAVERA! GAROTOS E GAROTAS! ESTRELANDO KACEY SIMON COMO SARAH BROWN! E QUINN WILDER COMO SKY MASTERSON! ESTREIA EM DUAS SEMANAS! — gritou Abra.

O sorriso de Molly vacilou ao ouvir a menção ao musical. Compreensível, já que ela era minha substituta. E Quinn Wilder, o bonitão de plantão do sétimo ano, era meu parceiro de beijo no palco. Nem mesmo uma festa de meninos e meninas poderia competir com Quinn e seus lábios sabor menta.

— Então, Kace, preciso da sua ajuda urgentemente — admitiu Molly, baixando ainda mais a voz. — Preciso de novas ideias para festas. Ideias de que os garotos gostem.

O relógio na parede atrás de nós marcou 7h55.

— Hora da chamada, meninas — falei com firmeza.

— Mas o que vamos *fazer*? — choramingou Molly.

— Chamada. Agora. — Não que eu não soubesse como organizar uma festa. Mas como eu poderia saber do que os garotos gostavam quando o único menino da minha casa tinha se mudado havia quatro anos? Molly tinha pai. Será que ela não podia perguntar a ele? — A gente pensa em alguma coisa durante o ensaio.

— Mas você está em todas as cenas! — choramingou Molly de novo. — Não vai dar tempo!

Engoli um suspiro. Às vezes eu queria que Molly apenas escrevesse para *Simon Falando*. Assim, eu poderia ser franca com ela. Ela merecia ouvir a verdade, como todo mundo.

Querida Kacey,

Estou com problemas. Não, não é que eu não seja capaz de notar lentes de contato violeta quando elas estão bem diante do meu nariz. O problema é a minha melhor amiga. É que eu sempre estou em segundo lugar. Por exemplo, ela ficou com o papel principal no musical de primavera, e tenho que ser sua substituta. Para piorar, sou incapaz de fazer qualquer coisa sem pedir conselhos para ela. Pelo menos uma vez quero ser a primeira em alguma coisa, como organizar uma festa de meninos e meninas. Mas, no fundo, sei que não posso fazer isso sem ela.

Será que algum dia estarei sozinha sob os holofotes ou estou condenada a uma vida nos bastidores?

Assinado,

Segunda Melhor do Sétimo Ano

*Querida Segunda Melhor,
Obrigada pela carta. Deve ser muito difícil admitir que você está com inveja. (Quem não estaria? Sua melhor amiga parece fantástica.) O negócio é o seguinte: na vida, sempre existe a estrela do show e os atores coadjuvantes. Parece que você se enquadra melhor na segunda categoria. Mas não fique triste, Segunda Melhor. Aqui é a Simon falando que coadjuvantes também têm (alguma) importância. Pense só. Sem um elenco de apoio, quem iria distrair o público enquanto a estrela troca de figurino?*

*Assinado,
Kacey Simon (A estrela. No ar e na vida.)*